UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE HISTÓRIA DO TOCANTINS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANA CAROLINE TAVARES DE MEDEIRO

Orientador: Prof. Dr. Carlos Leandro da Silva Esteves

O PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DA VILA DO PALHETA - MUANÁ/PA: UMA ANÁLISE DO TRABALHO, TERRITÓRIO E IDENTIDADE

Abaetetuba - Pará

2019

ANA CAROLINE TAVARES DE MEDEIRO

O PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DA VILA DO PALHETA - MUANÁ/PA: UMA ANÁLISE DO TRABALHO, TERRITÓRIO E IDENTIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História do Tocantins da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito final para obtenção do grau de Licenciada em História, sob orientação do Orientador: Prof. Dr. Carlos Leandro da Silva Esteves

Abaetetuba - Pará

2019

O PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DA VILA DO PALHETA - MUANÁ/PA: UMA ANÁLISE DO TRABALHO, TERRITÓRIO E IDENTIDADE

Ana Caroline Tavares de Medeiro

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado, para a obtenção do título de Licenciada em História pelo corpo docente da Faculdade de História do Tocantins da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Data de Aprovação: 24 de outubro de 2019

Banca Examinadora

Profº. Drº.: Carlos Leandro da Silva Esteves

Profª. Drª.: Rosimeire de Oliveira Souza

Profº. Ms.: Laércio Farias da Costa

Agradecimentos

Início agradecendo a Deus aquele que é o precursor do meu conhecimento e sem ele não conseguiria ter concluído mais essa etapa de minha vida. Agradeço a minha família, em especial minha mãe Rosiane Tavares e ao meu pai Benedito Santa Rosa, que foram os que sonharam esse sonho junto comigo e sempre acreditaram no meu potencial, me concedendo base e suporte em oração, agradeço também a minha irmã Ana Querén Tavares que sempre me proporcionou companheirismo para que eu conseguisse viver os dias árduos da universidade de maneira mais leve. Agradeço a Rafaela Santos e Bianca Santos, que foram mulheres que contribuíram para a minha formação e que sempre vibravam com as minhas realizações. Agradeço ao meu amigo Davi Cardoso que foi o qual fez crescer em mim um carinho todo especial pela História, aos meus amigos David Ferreira, Yuri Rocha, Yasmin Ribeiro e Naiza Vilhena, os meus mais sinceros agradecimentos por terem me ajudado e confortado no inicio do meu curso. Agradeço também aos presentes em forma de amigos que a História me deu, Igor Furtado, Leiliane Pantoja, Matheus Furtado e Raquel Santos, foram meus companheiros de curso e deixaram essa jornada mais prazerosa. Agradeço a minha amiga de infância Danielle Pantoja que sempre me apoiou e incentivou, e nessa fase da minha vida não foi diferente. Agradeço ao meu tio Aldecy Tavares que não mediu esforços para me acompanhar na minha pesquisa e sempre acreditou em mim. Agradeço a Dn. Maria Novaes e a Dn. Maria Rita, que foram instrumentos importantíssimos para me deixar a vontade na Vila do Palheta e responder com muito carinho a todas as dúvidas que ficavam, agradeço também os moradores da Vila do Palheta, que me receberam em suas casas e que contribuíram para a minha pesquisa. Agradeço ao Leandro Barros por ter estado ao meu lado me incentivando, me instigando para que eu desse o meu melhor e deixando o ambiente ao meu redor tranquilo e alegre para que eu pudesse concluir minha pesquisa. Enfim, agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram direta ou indiretamente para que esse sonho se torna-se realidade.

MUITO OBRIGADA A TODOS!

"O que fazemos na vida, ecoa na eternidade!"

GLADIADOR

Resumo

O Processo Histórico de Ocupação da Vila do Palheta Muaná - PA

Ana Caroline Tavares de Medeiro

Orientador: Prof. Dr. Carlos Leandro da Silva Esteves

Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como parte dos requisitos necessários para a graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Pará.

Memórias da reconstrução histórica da Vila do Palheta, localizada no município de Muaná-Pa. A pesquisa tem como objetivo reconstruir o histórico de ocupação e registrar as memórias dos moradores da Vila. A metodologia adotada foi em forma de entrevistas semiestruturadas, as mesmas foram gravadas, transcritas e analisadas junto ao aposte teórico, sendo eles: Marc Bloch (2001), Maurice Halbwachs (1990), Michael Pollak (1992) e Le goff (2003), Roger Chartier (1999) e Carlo Ginzburg (1986), Luiz Reznik (2002), Milton Santos e Maria Laura Silveira (2006) que discutem temporalidade, memórias, cultura e territorialidade, respectivamente. Assim, conseguimos registrar em papel o histórico da Vila e recuperar memórias, porém lacunas deixadas pelo passado ainda precisam ser respondidas. Logo, visando o reconhecimento da história da Vila, os atuais moradores poderão ter acesso ao passado da mesma e a cultura da mesma não se perderá.

Palavras-chave: Vila do Palheta. Muaná. Memórias.

Abaetetuba Pará

2018

Abstract

The Historical Process of Occupation of Vila do Palheta Muaná-PA

Ana Caroline Tavares de Medeiro

Orientador: Prof. Dr. Carlos Leandro da Silva Esteves

Abstract of the Course Conclusion Paper presented as part of the necessary requirements for a degree in Full Degree in History of the Federal University of Pará.

Memories of the historical reconstruction of Vila do Palheta, located in Muaná-Pa. The research proposes to reconstruct the occupation history and record the memories of the residents of the village. The methodology adopted was in the form of semi-structured interviews, which were recorded, transcribed and analyzed with the theoretical focus, namely: Marc Bloch (2001), Maurice Halbwachs (1990), Michael Pollak (1992) and Le goff (2003), Roger Chartier (1999) and Carlo Ginzburg (1986), Luiz Reznik (2002), Milton Santos and Maria Laura Silveira (2006) who discuss temporality, memories, culture and territoriality, respectively. Thus, we can record the history of the village on paper and retrieve memories, but gaps left by the past still need to be answered. Soon, in order to recognize the history of the village, current residents will have access to the past of the village and the culture of the same will not be lost.

Keywords: Vila do Palheta. Muaná. Memoirs.

Abaetetuba - Pará

2018

Lista de Figuras

1.1 Mapa da Vila do Palheta - Muaná/PA 17
1.2 Placa em homenagem aos irmãos Maués e Tocantins. 21

2.1 Pedaço do maquinário usado no engenho. 24
2.2 Mapa de rotas Vila do Palheta. 26

3.1 Foto de Claudio Figueiredo. 40

Sumário

Lista de Figuras vii

Introdução **9**

1 Histórico de Muaná e os Primeiros Proprietários da Vila do Palheta **14**

1.1 Histórico de Muaná 14

1.2 Os primeiros proprietários da Vila do Palheta – Muaná/Pa 16

2 As Relações de Trabalho na Vila do Palheta (1949 a 1988) **23**

2.1 Família Figueiredo e Teixeira 23

2.2 Relações de Trabalho no período da Família Figueiredo e Teixeira 27

3 Vila do Palheta em seu Contexto Atual **33**

3.1 Atual Proprietário da Vila 33

3.2 Os verdadeiros proprietários da terra 34

3.3 Um olhar micro sobre a Vila do Palheta 37

Considerações Finais **41**

Referências Bibliográficas **43**

Introdução

A preocupação em entender como os moradores da Vila do Palheta – Muaná/PA ocuparam o lugar e o porquê fixaram-se na terra, norteou uma série de hipóteses que deram suporte para estudar a história de ocupação do local. A priori, as narrativas mais marcantes e duvidosas pelos moradores da Vila, era se houve ou não a existência de escravos como mão de obra e posteriormente como moradores da terra, dessa forma, visando responder esse questionamento a pesquisa iniciou e ao longo do seu desenvolvimento, outros questionamentos vieram à tona, como por exemplo: Como foi o processo de ocupação da Vila? Como os atuais moradores chegaram na Vila? Qual motivo levou para que ficassem? Qual sua relação com o território? E outros.

Originalmente a pesquisa tinha como objetivo central a autoafirmação dos atuais moradores da ilha, já que ao serem questionados quanto a sua cor de pele, os mesmos respondiam de forma a se desassociar a sua ancestralidade negra, outrem, havia a hipótese de que o engenho que funcionou na Vila fora regido com mão de obra escrava, logo os atuais moradores eram descendentes dos mesmos.

Ao analisar as narrativas, temos como hipótese que a história da Vila do Palheta inicia nos tempos coloniais, e é analisando as características de cada contexto histórico que vamos entender como aconteciam as relações dentro da Vila, assim observamos o macro para entender o micro. De partida, percebe-se que nos tempos coloniais a economia era ligada ao capitalismo mercantil, porém, outras atividades de subsistência e exportação também eram regidas. Os colonizadores visavam o crescimento mercantil e logo seu enriquecimento, por esse fato apostar no mercantil levava a desvalorização da cultura de subsistência, logo percebe-se em alguns momentos da história escassez de alguns alimentos.

Mas, de forma escondida os roçados de subsistência foram ganhando espaço nos interiores das fazendas ou das grandes extensões de terras onde escravos ou camponeses pobres efetuavam tal pratica, logo o exercício dos roçados foi se perpetuando e tornou-se o modo de sobrevivência daqueles que ficavam a margem do sistema que regia a economia da época. Dessa forma, esse exercício deu origem a um grupo (ou classe) que possuíam o campesinato, caça e pesca como seu modo de viver e até sua forma de economia.

A partir desses grupos podemos observar essa pratica como uma forma de resistência, e assim a história do nosso país foi marcada em diversos aspectos, dentre eles a demografia social, econômica e política (SILVA, 2010). Com o passar dos anos, os estudos a cerca desses grupos ampliaram-se, e novas categorias também ganharam lugar de estudo, como as dos quilombos, que suas organizações ganharam dos historiadores e antropólogos olhares mais atentos, e atualmente esses espaços encontram-se em luta por conquistas de títulos de terras e valorização cultural.

Pensando no conhecimento e nas memórias por parte daqueles que de alguma forma possuem ligação com a terra, a presente pesquisa buscou através de relatos orais, fotos e documentos organizar em papel a história de ocupação da ilha que atualmente é conhecida como Vila do Palheta, localizada como anexo do município de Muaná no Estado do Pará, a Vila do Palheta é um território privado, mas com muito valor cultural. Logo, o objetivo da pesquisa é reconstruir a história de ocupação da Vila do Palheta e registrar as memórias dos moradores mais antigos da ilha, para que os atuais e futuros moradores da mesma possam ter conhecimento da história do local onde vivem.

À vista disso, o presente trabalho tenciona registrar a construção do histórico de ocupação da Vila do Palheta, através das memórias dos moradores da Vila e de outras pessoas que estão ligadas a Vila de forma direta ou indiretamente e que possuem conhecimentos sobre a ocupação da mesma. Tal pesquisa está sendo realizada na contemporaneidade, porém, pretende responder lacunas deixadas pelo passado.

Dessa forma, colocaremos em voga a figura dos trabalhadores que residiram na ilha (e dos que residem) através das memórias, e como o sistema de produção da ilha se relacionou com as cidades vizinhas. E para que pudéssemos organizar de forma cronológica os acontecimentos da ilha temos como base a história de trajetória das famílias que foram proprietárias da ilha do Palheta, para que dessa forma fosse possível a compreensão das relações de trabalho que existiam na ilha, assim, compreenderemos como eram as relações de empregado e patrão, empregado e território e da ilha com os municípios próximos.

Levando em consideração os períodos que as famílias ficaram como proprietárias da ilha, a pesquisa terá como finalidade reconstruir a formação histórica de ocupação da ilha, tendo sempre em foco as pessoas que trabalhavam nos processos de produção da ilha, de que forma elas eram pagas, e para onde eram destinados esses produtos. Assim, compreenderemos como aconteceu o processo de permanência na terra, e para ir além, a construção histórica do processo de ocupação contribuirá na formação dos saberes dos atuais moradores da ilha.

O historiador Marc Bloch em sua obra “Apologia da história ou ofício do historiador diz que o

que levou a escrever essa obra fora o questionamento de seu filho acerca da serventia da história, então o mesmo deu a resposta em formato de problematização. Para ele, a ciência deve fornecer algo para o melhorar ou ajudar de alguma forma uma dada realidade. Marc Bloch aconselha que o historiador deve ser incomodo, um escavador sempre disposto a discorrer nas entrelinhas. (BLOCH, 2001). Assim, em sua afirmação "O bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça" Marc Bloch (2001), instiga-me a relacionar o homem ao tempo e o que esse homem entende por passado e presente, e assim logo o autor nos questiona "O que é, com feito, o presente?" (BLOCH, 2001, p. 60). E assim, como deste questionamento de bloch, surge a pergunta problema que move a minha pesquisa, pois foi questionando a atual situação de ocupação da Vila do Palheta me fez querer entender o passado da mesma. Dado isso, é primeiro interpretando o presente que os paradigmas do passado irão ser desembaçados.

Bloch (2001), em sua obra "A apologia da História o ofício do historiador", também utiliza do método regressivo, dizendo que é necessário um olhar diferenciado sobre as fontes, dessa forma, é necessário que o historiador não se conforme apenas em registrar as fontes, mas em questioná-las. Assim, há uma correlação entre passado e presente, onde os mesmos não podem ser vistos e nem analisados de forma desvinculada. Dessa maneira, foi observando a situação da vila no presente e seu formato, que nos veio o questionamento de como aconteciam as relações de trabalho e com a terra no passado, logo essa aproximação do passado e do presente nos permitirá entender o processo de ocupação até os dias atuais.

O método adotado foi de caráter exploratório e descritivo. Dado início, primeiramente para orientar as reflexões sobre os temas que a pesquisa nos possibilita, foram lidos autores que possuem como bibliografia temas referentes a memória, territorialidade e campesinato negro. Posteriormente, com um conhecimento prévio de nomes dos possíveis proprietários da Vila, foi aplicado entrevistas semiestruturada com os moradores. De formas distintas, a priori as entrevistas foram direcionadas aos moradores mais antigos e objetivava saber o nome dos proprietários da vila de forma cronológica, como funcionava o sistema de trabalho da vila e quais funções exerciam na mesma, já com os moradores atuais da vila, as entrevistas buscavam saber quais são sua relação com o território e o que sabem sobre o passado da vila.

Para que o processo de ocupação da ilha fosse reconstruído, foram usadas fontes como fotografias, mapas, citações em livros que referendavam a Vila do Palheta, além de fontes orais. É de suma importância os relatos dos mesmos, pois por muito tempo nossa sociedade discriminou aqueles que não eram alfabetizados, dessa forma é atribuído um grande valor as letras, por isso dar vez as

oralidades são de caráter satisfatório aqueles que muitas vezes não possuem voz. “Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo” (BÂ, 2010, p. 1).

Dessa forma a presente pesquisa encontra-se estruturada em três capítulos, que discorrem desde o possível primeiro proprietário da ilha até os dias atuais, assim para melhor fosse o entendimento sobre as transições de compra e venda da mesma a pesquisa foi dividida levando em consideração os períodos de trocas de proprietários. E para ajudar nas discursões levantas na pesquisa os autores Maurice Halbwachs (1990), Michael Pollak (1992) e Le goff (2003) que ajudaram a construir reflexões sobre da memória da localidade, dessa forma entendendo como as memórias se comportam e como elas podem ser interpretada, onde cada autor citado possui uma singularidade de interpretar as memórias.

Os autores Roger Chartier (1999) e Carlo Ginzburg (1986) que ajudaram nas interpretações referente aos aspectos culturais que cercam e que estão presentes na ilha do Palheta e os autores Luiz Reznik (2002), Milton Santos e Maria Laura Silveira (2006) que falam sobre a temática referente a territorialidade, e que foram de suma importância para a compreensão da ilha quanto posses de terras, e além o historiador Marc Bloch (2001) que suas reflexões sobre a aproximação do passado e do presente me possibilitou entender as configurações do presente da ilha com base no passado.

Logo, o primeiro capítulo intitulado “Histórico de Muaná e Primeiros Proprietários da Vila do Palheta Muaná-PA” inicia contando um pouco da origem do município de Muaná e posteriormente inicia o histórico de ocupação da Vila do Palheta. O capítulo está escrito cronologicamente de acordo com as trajetórias das famílias, sendo os primeiros proprietários o bandeirante Francisco Melo Palheta, a Família Amanajás e a Família Maués de Tocantins, respectivamente. Sendo essas no período colonial e em transição para império.

O segundo capítulo intitulado “As relações de trabalho na vila do Palheta (1949-1988)” discorre no período republicano e possui como proprietários da ilha as famílias Figueiredos e Teixeira, ambas foram de grande importância e foram um período de ápice de produção na Vila. O capítulo, fala sobre o sistema de produção e como os trabalhadores do momento estavam inseridos na mesma, dessa forma a figura dos empregados é de estrema importância para se entender as relações territoriais que persistem até os dias de hoje.

O terceiro capítulo intitulado “Vila no contexto atual” discorre no início do período republicano aos dias atuais da Vila. Nesse capítulo escrevo sobre a última família e que possui o título de proprietária da terra na atualidade. Ainda colocando em foco os trabalhadores e o sistema de

produção da Vila, e o que os leva a continuar em um território privado.

Dessa maneira, a pesquisa possui como finalidade contribuir para o conhecimento acerca da formação histórica de ocupação da Vila e dar voz e vez aqueles que foram os reais movedores de todo sistema de produção que fora realizado na Vila, dessa forma, a pesquisa contribuirá na formação de referência de futuros pesquisadores que pretenderem falar das relações econômicas da região marajoara.

1 Histórico de Muaná e os Primeiros Proprietários da Vila do Palheta

O capítulo pretende apresentar um breve histórico da cidade Muaná/Pa para que haja um melhor entendimento de localização geográfica e empatia pela cidade Muaná, após também é feita a localização da Vila onde a pesquisa está sendo realizada, dessa forma, poderemos ter a compreensão de tempo e espaço de ambas. Em seguida, é dado inicio ao histórico de ocupação da Vila, na ordem de compra e venda da mesma.

1.1 Histórico de Muaná

Muitas vezes ao se estudar história esquecemos suas diversidades e perspectivas, e acabamos focando na história política, econômica e nos feitos dos grandes homens e com isso acabamos ignorando os acontecimentos populares, ou seja, a história daqueles que também contribuíram para os grandes acontecimentos que conhecemos. Assim, estudar a história regional é dar novas possibilidades de se pensar os acontecimentos que já nos é conhecido e nos faz ampliar nossos objetos de estudo, o objetivo não é deixar de lado as historias nacional e ocidental, mas é incluir novas histórias, logo por consequência teremos novos olhares empáticos para se entender o meio social em que estão inseridos, pois somos o resultado de um conjunto de escolhas do nosso passado e não podemos esquecer que a sociedade está sem em transformação.

Assim dessa forma, na tentativa de trazer a história dos moradores da ilha do Palheta para mais próximo deles, nosso objetivo é incluir a história da região no cotidiano dos mesmos. Por ser um lugar em que as memórias da região estão restrita aos moradores mais antigos e não estão sendo repassada aqueles que serão o futuro da ilha,e assim, terão como consequência o difícil acesso a essas memórias e o histórico de ocupação do lugar poderá se perder. Assim, surge então um dos objetivos da nossa pesquisa, que é registrar as memórias dos moradores da ilha.

Dessa maneira, a pesquisa em questão foi realizada no município de Muaná que pertence ao Estado do Pará. Está inserido na mesorregião de Marajó e a microrregião do Arari. Atualmente

o município possui a extensão territorial de aproximadamente 3.763,337 km^2 e contava com 34 204 habitantes no último censo demográfico IBGE (2010). A densidade demográfica é de 9,8 habitantes por km^2 no território do município. Faz vizinhança com os municípios de Ponta de Pedras, São Sebastião da Boa Vista e Abaetetuba, Muaná se situa a 44 km ao Norte-Oeste de Abaetetuba que é a maior cidade nos arredores. Situado a 11 metros de altitude, e o município possuem como coordenadas geográficas: Latitude: $1^o31'42''$ Sul, Longitude: $49^o13'3''$ Oeste (BRASIL, 2019; IBGE, 2017).

Segundo pesquisas realizadas recentemente, a região do Marajó foi povoada por uma nação chamada Nuaruaque, esta nação veio viajando de longe enfrentando o Oceano Atlântico e ao chegar no continente americano fixaram-se no rio Cunani, que atualmente é o Estado do Amapá, nesta localidade enfrentaram rivalidade contra a nação Caraíbas, pois eram os que dominavam o local e após seguiram atravessando baias até chegarem ao arquipélago de Marajó, contudo ao fixarem-se no local a nação Nuaruaque se dividiu em varias tribos dominando regiões diferentes. Por esse fato, a região de Muaná foi dominada pela Tribo Muanás (LIMA, 2000).

Historicamente Muaná não foge da realidade histórica de ocupação em semelhança com o nosso país. O território foi invadido por pessoas com o interesse de explorar as riquezas da região, tomar posse de terras e impor fé. Levando em consideração a tradição oral, a história de origem de Muaná conta que foi numa tarde aproximando-se do pôr do sol a "primeira Dona do lugar" estava limpando seu terreiro e encontrou uma imagem semienterrada na poeira do verão, logo a noticia se espalhou, e os posseiros foram chegando e identificaram que a imagem era de São Francisco de Paula (LIMA, 2000), dessa forma uma capela foi erguida, e assim segue uma historia de liturgia. É dada a essa história o titulo de origem do município, acrescido da construção do engenho de cachaça, uma aldeia e um forte, esse foi o conjunto que deu inicio a cidade de Muaná.

Oficialmente por documentos, em 1757 o Frei Miguel de Bulhões, foi nomeado como governador interino do Grão Pará e elevou o povoado de Muaná a categoria de Freguesia São Francisco de Paula do rio Muaná, após o marquês de Pombal e ministro mor de Portugal assumiu o poder e expulsou os religiosos do solo paraense, logo em 06 de julho de 1895, Muaná recebe a titulação de cidade, dentro e de acordo com as series de leis que antecederam tal acontecimento (LIMA, 2000).

1.2 Os primeiros proprietários da Vila do Palheta – Muaná/Pa

Tendo conhecimento das consequências que o processo de globalização causa em nosso país, percebemos que ocorreu também o processo de homogeneização cultural[1], logo por conta desse processo passamos a consumir e padronizar a cultura desses países hegemônicos. No brasil, ao longo da formação histórica também formamos os patrimônios histórico e cultural, que são nossos inúmeros monumentos, hábitos e formas de se comportar em sociedade, que devem ser preservados para que a identidade brasileira também seja preservada, e pensando nesse conjunto que formam nossa cultura temos as obras "Casa grande e Senzala" e "Raízes do Brasil" que são dos autores Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda, respectivamente, que nos ajuda a entender como se construiu a sociedade e a cultura brasileira.

Pensando na preservação das memórias e patrimônio imaterial dos moradores da ilha do Palheta, a pesquisa fará com que os moradores conheçam o histórico de ocupação do lugar onde moram para que compreendam como seus hábitos e modos de se manifestar culturalmente são elementos que tiveram origem no passado da ilha, assim tendo esse conhecimento os processos que englobam o país não serão padronizados e nossa cultura regional e popular tenderá a não se perder.

Assim, a referente pesquisa é realizada em uma ilha anexo da cidade de Muaná, a mesma é conhecida como Vila do Palheta, e localiza-se as margens do Rio Muaná. A aproximadamente uma hora e meia de viagem de barco da Vila para a cidade de Muaná. As narrativas sobre o nome da ilha são diversas e divergem nas suas interpretações, mas as mais conhecidas fazem referência ao nome do primeiro proprietário, ao formato da hélice de barco ou ao formato de uma paleta de pintor.

Diz o senhor Claudio Smith, o atual vice-diretor da escola Claudio Figueiredo[2]:

> [...] Tem narrativas que contam que o nome, por exemplo, palheta é porque a ilha se configura como a paleta de um pintor quando ta pintando, ai outra versão já diz que palheta vem do primeiro dono que se chamava Joaquim Palheta que passando por aqui se instalou aqui né, e começou seus trabalhos aqui o nome dele era Francisco Palheta, parece, e a partir daí as pessoas que moravam ao redor da ilha falava né, 'vamo' lá na ilha do Palheta, ai que era, entendeu? do nome, ai a partir disso que veio o nome do Palheta, mas a gente não sabe ao certo a verdadeira versão.

[1] A homogeneização cultural, segundo Jennings (2011), é um aspecto, ou melhor, uma tendência da globalização, e refere-se àredução da diversidade cultural através da difusão de um modo de ser: das formas musicais,arquiteturas e modos de vestir aos hábitos alimentares, idiomas, religiões, filosofias e valoresculturais.

[2] Entrevista realizada no dia 29 de junho de 2019.

Segundo imagens de satélites podemos observar na Figura 1.1(a) o formato da ilha, assim levando em consideração a versão que diz que a ilha possui o formato de uma hélice de barco, esta seria a versão mais aplicável, porém, a pluralidade de versões possuem suas singularidades e nenhuma deve ser descartada. A Figura 1.1(b) também feita por satélites, nos possibilita ver a imagem de forma mais ampliada a região onde concentra-se o maior número de moradores da Vila, possuindo também moradores do outro lado do Rio Muaná e no Rio que passa na parte de trás da ilha.

Figura 1.1 – Mapa da Vila do Palheta - Muaná/PA

(a) Vila da ilha do Palheta (b) Visão ampliada da Vila do Palheta

Fonte: Google Maps

De início a pesquisa norteava registrar a presença negra na região, dado que possuímos como hipótese que o antigo engenho que funcionou na ilha foi movido por mão de obra escrava, logo os atuais moradores eram descendentes dos mesmos. A intensão em confirmar a hipótese baseava-se na negação dos moradores quanto ao seu tom de pele, pois quando se fazia perguntas relacionadas ao tom de pele, os mesmos denominavam-se morenos e negavam qualquer ancestralidade negra, e viam a associação com ex-escravos como algo ruim. Dessa forma, meu objetivo a priori era resgatar memórias e fazer ser conhecido a história da ilha, para que os moradores tivessem compreensão de sua ancestralidade e contribuir para a autoafirmação quanto negros.

Ao iniciar a pesquisa, partindo como metodologia entrevistar os moradores da ilha, iniciei as entrevistas com os moradores de mais idade e possivelmente os mais antigos ocupantes da ilha. De forma semiestruturada, as entrevistas foram gravadas para que posteriormente fossem transcritas para junto a uma bibliografia de autores que possuem domínio de saber do assunto fossem analisadas. A tarefa de conseguir adentar tanto a casa quanto ao passado dos entrevistados foi uma das primeiras barreiras encontradas na pesquisa, logo, como o Nadir Zago afirma que as boas entrevistas estão mais ligadas a capacidade de obter confiança dos entrevistados e menos ligada as questões técnicas (ZAGO, 2003).

Os primeiros entrevistados nos proporcionaram montar de forma cronológica os nomes das famílias que foram donas da ilha, dessa maneira percebemos que as memórias sobre a história da Vila estão fortemente ligadas com a histórias e trajetórias das famílias que ali passaram. Dessa maneira, as histórias de empregado e patrão estão entrelaçadas, porém o foco é sempre atribuído aos proprietários da ilha, quando as lembranças vêm a tonas, mas podemos perceber as histórias daqueles (trabalhadores da ilha) que da mesma forma contribuíram para a formação da ilha. Por isso, "O trabalho com fontes orais possibilitou trazer à História, como sujeitos e/ou testemunhos aqueles que, de certa forma, foram excluídos e colocados no anonimato, sem direito à memória, comum no paradigma tradicional ou marxista" (SILVEIRA, 2007, p. 39).

Por conseguinte, um dos objetivos da minha pesquisa baseou-se em dar vez e voz aqueles que geralmente são esquecidos. Terei como objetivo principal reconstruir a história de ocupação da ilha, porém dessa vez atrelada a história das famílias, falar de como aqueles que ocupam o espaço até hoje ocuparam o território e como esses fizeram movimentar o sistema de produção da ilha. Pois,

> Trabalhar com História Oral é, sobretudo, não querer uma história totalizante a partir dos depoimentos; tão pouco provar uma verdade absoluta. É dar espaço aos sujeitos anônimos da História na produção e divulgação dessa, procurando articular suas narrativas aos contextos e elementos do(s) objeto(s) em pesquisa. É estar preparado para compreender que nem sempre o ato de rememorar é uma ação saudável e positiva para o sujeito, pois pode trazer dores e sofrimentos. É escrever história sem sacramentar certezas, mas diminuindo o campo das dúvidas (SILVEIRA, 2007, p. 41).

A jornada de organizar memórias em ordem de acontecimentos foi árdua. Os moradores mais antigos possuem o conhecimento de quem foram todos os antigos donos da ilha, mas muitas vezes narravam os acontecimentos de desordenada. Portanto,

> O pesquisador deve interpretar e analisar a entrevista como fonte, uma fonte oral. Para facilitar esse trabalho, orienta-se a transcrição das entrevistas. Estando na forma de texto, deve-se analisar a fonte oral como qualquer documento, fazendo perguntas e verificando como se pode usufruir dessa fonte, tirando dela as evidências e os elementos que contribuirão para resolver o problema de pesquisa (SILVEIRA, 2007, p. 39).

Assim também, organizando memórias e fontes documentais, as fontes orais nos permitiram ter como conhecimento o nome do possível primeiro dono do território, o lendário Francisco Melo Palheta, nascido em solo brasileiro, foi militar a serviço da coroa portuguesa. Em 1709, Palheta, como é popularmente conhecido, recebeu do governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará uma sesmaria e anos depois em 1731 recebeu outra, o mesmo é conhecido historicamente por ter trazido para o Brasil os primeiros grãos de café.

Por volta de fevereiro de 1727, segundo o autor José Maria de Lima, o governador do Maranhão e Grão-Pará, João da Maia Gama, nomeia Palheta como comandante de uma missão da fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, com fins de resolver uma disputa territorial entre portugueses e franceses. Na época em que a missão foi dada os franceses estavam proibidos de vender sementes de café e os brasileiros e franceses estavam proibidos de fazer negócios com os franceses, porém Francisco Palheta consegue burlar tais fatores e traz para território brasileiro mais de mil sementes e quatro mudas de café. Não se sabe qual veracidade e detalhes de como ocorreu a vinda dessas sementes e mudas para cá, porém tem-se como documento histórico, uma carta escrita por Palheta ao rei, em 1733, e por conta de tal feito, Palheta recebe como pagamento a carta de sesmaria e na qual possuía o território que hoje é conhecido como Vila do Palheta (ESCOLA, 2019).

Outros romantizam a vinda das sementes para o Brasil, narrando que as sementes foram colocadas pela esposa do governador de Guiana Francesa no bolso de Francisco Palheta, outrora também há quem duvide que o Francisco Melo Palheta não foi o responsável por trazer o café pro Brasil, pois há poucos documentos que sustentam tal fato. Segundo alguns moradores foi no Palheta que foi plantado o primeiro pé de café, porém tal afirmativa ainda depende de fontes documentais para uma validação, da mesma forma, é atribuído a cidade de Vigia no Estado do Pará tal acontecimento, por sabermos que a memória é algo minucioso de se trabalhar, podemos ter como hipótese que na região do Marajó, a Vila do Palheta foi a primeira região que o café foi plantado. Diz o senhor Alberto Silva "antes ainda tinha na frente da igreja alguns pé de café plantado, eu cheguei a ver, mas já se acabou tudo"[3]

Segundo fontes orais, tivemos como conhecimento que o segundo proprietário da Vila do Palheta foi Manoel Antônio Cardoso Amanajás. Entrevistando os moradores mais antigos, os mesmos narravam histórias que foram repassadas a eles do tempo que os Amanajás vivem na ilha, dessa maneira tínhamos somente o sobrenome do segundo dono da ilha, porém lendo a obra de José Maria de Lima "Muaná uma breve história" percebemos que aparecia a figura de Manoel Antônio Cardoso Amanajás na história de Muaná, mas não sabíamos se o mesmo tinha ligação com a Vila, não obstante, lendo também Vicente Salles "O negro no Pará", Vicente cita um anuncio de jornal em que Manoel Antônio Cardoso Amanajás anuncia a fuga de cinco escravos de seu engenho.

Podemos confirmar a presença de Manoel Antônio Cardoso Amanajás na História de Muaná e por conseguinte como dono da ilha Palheta. "O povo muanense era dirigido por pessoas indicadas pelo rei, ministros, governadores e outras pessoas autoridades a serviço da coroa portuguesa" (LIMA,

[3]Entrevista realizada no dia 26 de junho de 2019.

2000, p. 23). Em 1823, houve um movimento revolucionário pelos filhos da terra (os muanenses) em reivindicação de poder, logo após a derrubada do dono da tutela da freguesia, José da Costa Ferrão, os organizadores do movimento elegeram Simplício José do Vale para responder pela terra que agora era recém liberta das mãos da coroa portuguesa. Dez anos depois, "em 1833, o governador do Grão-Pará, deu uma nova organização municipal aos vários membros de província. Muaná foi elevada à categoria de Vila e teve empossado Manoel Antônio Cardoso Amanajás, como presidente da monarca e, por conseguinte gestor muanense" (LIMA, 2000, p. 18).

Posteriormente é possível confirmar a sua presença na ilha como proprietário.

> Do engenho Palheta distrito da Vila de Muaná, fugiram no 1º de novembro de 1851 a Manoel Cardoso Amanajás, cinco escravos de sua propriedade, em um escaler, madeira itaúba, proa e lancha, tôldo de cedro, rabo de lacrau, das qualidades seguintes: Felipe, preto retinto figura ordinária, idade 22 anos, dentes partidos, um tanto vergado, toca viola, sabe ler, tem um risco no rosto, deve ter sinais de surras, padeceu boubas de que deve ter cravos, esteve fugido ainda rapaz sem barba, em Vila nova da Rainha, aonde foi preso em 1847. Manoel, irmão deste, preto retinto, rosto redondo, figura ordinária, gordo, pés grossos, padeceu boubas de que deve ter cravos, oficial de ferreiro, sem barba, idade 21 anos. Ignês, cor tapuia, tem falta d parte do nariz, levou dois filhos gêmeos, pretos; o macho chama-se José e a fêmea Luzia; consta que surgiram para o Amazonas. A pessoa os apreender entregando a seu senhor no engenho Palheta ou recolhendo-os na Cadeia do Pará, receberá de gratificação duzentos mil réis, Anajas, 28 de dezembro de 1851 (O Grão-Pará, ano 1, n.º 30, 3 jan, 1852 p. 4) (SALLES, 2005, p. 4).

Logo conseguimos responder a dois questionamentos que eram presentes na pesquisa o nome completo do segundo dono da Vila e se houve ou não presença negra como mão de obra escrava. Eventualmente não sabemos como o senhor Manoel Antônio Cardoso Amanajás obteve a posse da terra, contudo as hipóteses apontam que fora ele que iniciou o engenho de cachaça na Vila, pois o mesmo está presente na memória dos moradores antigos, repassada por seus pais. Logo, "apesar de aparentemente abstrato, o tempo é uma vivência concreta e se apresenta como categoria central da dinâmica da história" (DELGADO, 2003, p. 1).

Após o senhor Manoel Cardoso Amanajás um segundo sobrenome é mencionado nas entrevistas, os Maués e Tocantins, logo, seriam o terceiro proprietário da Vila, e mais uma vez não sabemos o porquê da troca de proprietários e nem como aconteceu. Na entrevista com a senhora Raimunda Amaral, umas das moradoras mais antiga da ilha, podemos então ter conhecimento que o sobrenome pertencia aos dois irmãos conhecidos com os irmãos Maués e Tocantins, os mesmos eram conhecidos por serem severos, e segundo a senhora Raimunda Amaral, foi um dos períodos mais rígidos na ilha, assim, encontramos também o nome dos irmãos grifado em uma placa de mármore, que atualmente

fica na capela do casarão, mas antes ficava na parede da loja que funcionava no casarão.

Segundo o senhor Benedito Oliveira[4], conhecido como Bita, nos possibilita ter a memória de seus antepassados no período em que os irmãos Maués e Tocantins residiram na Vila, ele diz (...) "Os velhos que falavam que quando esses Maués e Tocantins começou a trabalhar nesse Palheta, dizia que quando a pessoa demorava um 'bucadinho', ele tinha um rabo de arraia... Pegou um rapaz e deu uma grande pisa nele"

O Senhor Pedro Amaral[5] nos conta detalhes da estrutura do Casarão construído na Vila, ele diz (...) "Esse casarão aí chegou a construir foram os escravos. Da um homem em pé na Vala desse casarão e mais uma mão pra chegar na ponta".

A Figura 1.2, segundo a dona Raimunda Amaral foi feita para homenagear os irmãos Maués e Tocantins e Emilio Maués por terem sido os que deram luz ao projeto de construção do casarão. Não sabemos o ano de construção, mas levando em consideração que as narrativas apontam que ele foi construído por escravos, temos como hipótese que fora antes de 1888.

Figura 1.2 – Placa em homenagem aos irmãos Maués e Tocantins.

Fonte: Autoria própria

A memória revela um passado que muitas vezes a escrita não consegue repassar, dessa maneira foi analisando as falas dos senhores Benedito Oliveira, Pedro Amaral e Raimunda Amaral que pude perceber que os mesmos possuem memórias que não se divergem, ao falar do período em que os

[4]Entrevista realizada no dia 18 de junho de 2018
[5]Entrevista realizada no dia 18 de junho de 2018

irmãos Tocantins e Maués, o período é lembrado com bastante respeito por terem sido pessoas que ajudaram no desenvolvimento da ilha, fora um período de fartura de trabalho, porém fora um período de rigidez e totalitarismo por parte dos proprietários.

Assim, as memórias dos moradores da ilha serviram de forma metodológica na construção do histórico de ocupação, pois foram nas falas e expressões ricas em sentimentos que pude analisar os elementos que se convergiam ou divergiam em suas falas, porém no geral as memórias dos moradores da ilha possuem muita proximidade e se distanciam apenas no modo de ordem de acontecimentos.

E nesse entrelaçar entre fontes e pesquisas afins, que a história de ocupação da Vila amplia-se empolgantemente e os fatos ganham veracidade e molde que posteriormente será base para a construção do conhecimento a cerca de uma Vila que é rica em história e recursos naturais.

2 As Relações de Trabalho na Vila do Palheta (1949 a 1988)

Este capítulo se propõe falar de como acontecia as relações de trabalho na Vila do Palheta/Muaná-PA. Assim levando em consideração o período entre os anos 1949 a 1988, a ilha esteve nas posses das famílias Figueiredo e Teixeira, respectivamente, assim o capítulo falará da trajetória das famílias na ilha e dará protagonismo aos trabalhadores que ali residiam, dessa forma, nos é permitido entender um pouco mais sobre quais foram os produtos produzido na ilha, como esses trabalhadores ocuparam a terra e como eram remunerados.

O município de Muaná é rico em fauna e flora, mas o diferencial dessa pesquisa é trazer a tona as riquezas culturais e memórias que este território possui, assim, minha intenção é colocar em destaque a uma parte da história dos muanenses e marajoaras, que por muitas vezes é deixada de lado. Assim, minha pesquisa tende expor um pouco mais a figura dos negros na Amazônia.

Levando em consideração a história da Vila do Palheta, percebemos que as bibliografias perpassam pela história das famílias que foram proprietárias da ilha e esquecem os demais protagonistas dessas história, dessa forma a pesquisa tentou responder questionamentos deixados pelo passado e que precisam de uma resposta, porém por falta de fontes, muitas dessas respostas ficaram no campo das hipóteses.

2.1 Família Figueiredo e Teixeira

Mais além, segundo os moradores da ilha, no ano de 1949, ela foi vendida e dessa vez o novo proprietário é João Figueiredo. O período é lembrado como o auge de produção, segundo os moradores mais antigos da Vila. Logo que, vale frisar que nesta época a fabricação na Vila já não era realizada por mão de obra escrava, levando em consideração a datação, período pós abolição em nosso país.

As transições de compra e venda da Vila desde o primeiro dono até a Família Figueiredo são desconhecidas até o momento, não se sabe o porquê dos motivos de compra e venda das mesmas,

porém, podemos perceber que as produções continuaram frequente apesar das trocas de donos, percebe-se ainda que ao passar dos nos as produções até trocaram de foco, mas não se exauriram. A ilha é extensa e suas terras possuem uma variedade de arvores frutíferas ou não, que são abrigos de algumas espécies de animais, logo levando em consideração o espaço que é ocupado pelos moradores da ilha, o espaço em preservação virgem é maior.

De entrada a Vila possui um grande trapicher[1] que da ligação a região onde o maior número de moradores reside, em seguida temos um grande casarão que por muitos é chamado de chalé ou casa grande, ele foi usado como residência dos proprietários da ilha. Do lado esquerdo da ilha, próximo do casarão funcionou o engenho de cana de açúcar e cachaça, e com o passar dos tempos também se tornou fábrica de outros produtos, e nos dias atuais são ruínas de tudo que ali já foi produzido.

O engenho palheta segundo José Maria já funcionava desde o período em que os Amanajás eram proprietários (LIMA, 2000), mas o casarão possui data desconhecida, sabendo apenas que foi construído no período em que os irmãos Maués e Tocantins eram proprietários. Levando em consideração as condições da estrutura do casarão, as madeiras estão começando a entrar em estado de decomposição, dessa forma, medidas para preservação deveriam ser tomadas, para que o casarão se torne um monumento cultural, como podemos observar na Figura 2.1.

Figura 2.1 – Pedaço do maquinário usado no engenho.

Fonte: Autoria própria

[1]Ponte de madeira feita a distância da margem de rios ou igarapés para que as embarcações possam desembarcar os passageiros.

É notório nas falas dos moradores, lembranças das famílias Figueiredo e Teixeira, pois foram famílias que além de relação de trabalho fizeram outros laços com os moradores, os mesmo também ficavam na Vila de forma mais integral de os moradores que antecederam, por esse fato as relações entre trabalhador e patrão estreitavam-se, logo essas relações foram um dos motivos para que os moradores fixassem na terra.

A família Figueiredo dividia-se entre morar na capital e na Vila, dessa forma, o senhor Joaquim Neves, foi nomeado como gerente do engenho Palheta pelo senhor João Figueiredo, que era casado com a senhora Mirosa e possuíam quatro filhos Cláudio, João, Mariana e Lucia. O período em que a família Figueiredo teve a Vila como posse, foi um momento de grande ebulição nas produções. "Os trabalhadores passavam o dia nos canaviais e quando findava o dia voltavam com os batelões cheios de cana, eu me lembro" diz a dona Maria Rita[2].

Em contexto político e econômico, nosso país estava passando por momentos de mudanças. O governo tem exercício beneficiava a poucos e quem comandava eram aqueles que possuíam grandes extensões de terras, ou seja, era um as oligarquias que comandavam o poder. O país na sua maioria era rural, mas estavam caminhando para uma modernização urbana. Outrora, Muaná e cidades vizinhas eram currais de grandes proprietários de terras. Os mesmos usufruíam de seu poder para lucrar tanto economicamente quanto em domínio de território. Para fins lucrativos a região era e é repleta de riquezas primarias, dessa forma, a espoliação passou a ser algo recorrente no local.

Com o sistema republicano em regimento, as campinas da região marajoara foram tomadas por cabeças de gados e os engenhos ferveram em produção. Anteriormente, os engenhos produziam para consumo das grandes famílias e de regiões vizinhas. Agora, galgando outros patamares, as regiões campinais já não exportavam suas matérias primas em seu cem por cento para a capital ou fora do país, logo os insumos eram utilizados na própria região. E o engenho que funcionava no Palheta não fugiu à regra dos demais, cita José Maria "No aproveitamento do potencial da cana, tinha na usina do Palheta, a mais aparelhada do Pará, fabricando açúcar, aguardente, álcool, mel, rapadura e mais os engenhos Santa Rita, Engenho D'água, Santo Antônio, Rosário e São José" (LIMA, 2000, p. 23).

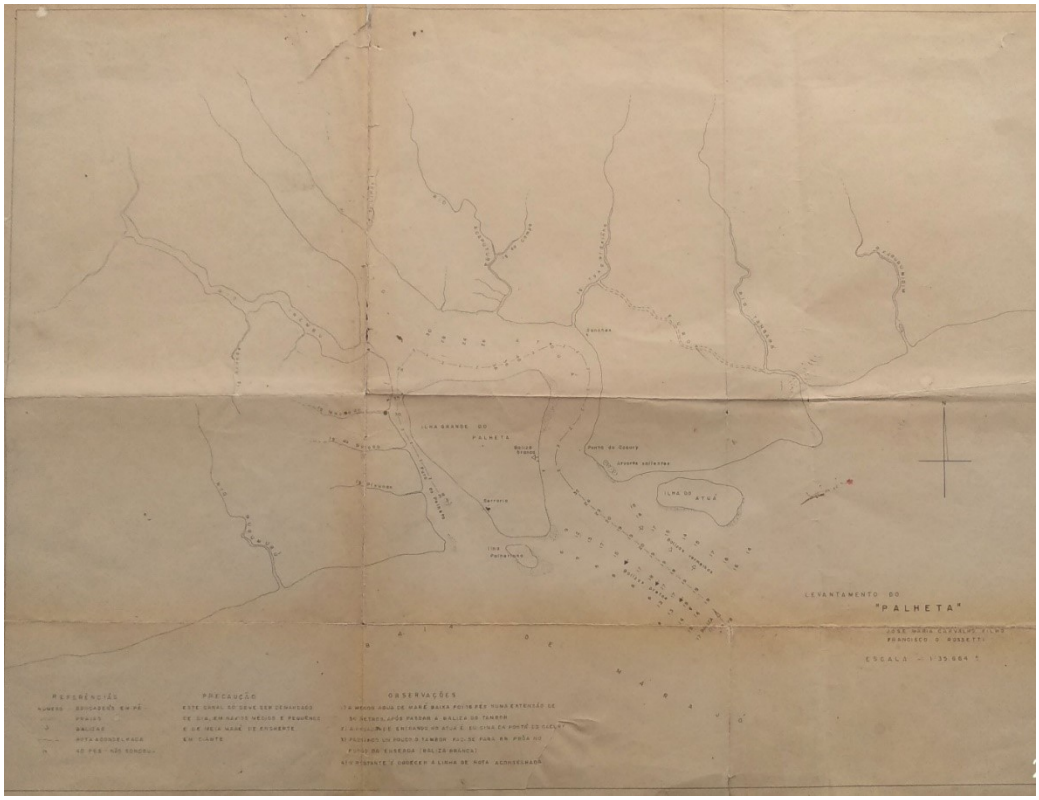
Em um acidente de embarcação com o Claudio Figueiredo, um dos filhos do senhor João Figueiredo, e o mesmo veio a falecer, por conta disso, os moradores narram que a família Figueiredo por questões emocionais ficou desgostosa do lugar, então mais uma vez a ilha foi vendida.

O mapa da Figura 2.2 foi guardado pela senhora Maria Rita no período em que as propriedades do Palheta foram vendidos para o ultimo do proprietário e atual, Professora Rita como é conhecida,

[2]Entrevista realizada no dia 08 de março de 2019

trabalhou administrando as questões financeiras da loja que funcionava na parte de baixo do casarão. “O mapa ficava na parede da loja e quando o Palheta foi vendido ‘pros’ Viegas muita coisa foi jogada fora e eu guardei o mapa porque achei bonito e um dia sabia que iria servir” diz a Professora Rita[3]. A origem do mapa é desconhecida pela Professora Rita, mas ela afirma que antes de ela começar a trabalhar na loja ele já existia.

Figura 2.2 – Mapa de rotas Vila do Palheta.



Fonte: Autoria própria

Levando em consideração as informações que possuem na nota de roda pé do mapa, ele foi desenhado com o objetivo de informar viajantes acerca das as rotas e como a maré se comportava. Ademais, visualizando Figura 2.2 Mapa da Vila do Palheta e comparando com a Figura 1.1(b) Visão ampliada da Vila do Palheta, percebemos que uma pequena região chamada Palhetinha desapareceu, e esse desaparecimento foi confirmado pela professora Rita, todavia, o motivo desse desaparecimento apontam ter motivos naturais.

Por conseguinte, o próximo proprietário da Vila foi o senhor José Ferreira Teixeira. José Ferreira Teixeira era casado com Laura Monteiro Teixeira e possuíam quatro filhos: José Ferreira Teixeira

[3]Entrevista realizada no dia 08 de março de 2019.

(Zezinho), Rodolfo Monteiro Ferreira Teixeira, Carmem Lúcia Monteiro Ferreira Teixeira e Maria Helena Monteiro Ferreira Teixeira. José Teixeira, no período em que a ilha estava em constante efervescência, e os mesmos continuaram a produzir açúcar e cachaça, no passar dos anos os novos donos investiram na plantação de cacau, extração de seringa e madeira, todos destinados a Belém. O Engenho Palheta era popularmente conhecido por possuir o melhor açúcar da região, nota-se que essa fama é atribuída e perpassada desde o período e que o senhor Manoel Antônio Cardoso Amanajás era o proprietário. Segundo o senhor Benedito Oliveira "O maquinário desse engenho era o mais moderno, vindo de Olinda"[4].

2.2 Relações de Trabalho no período da Família Figueiredo e Teixeira

Nesse sentido, levando em consideração o ápice das produções na ilha no período entre 1949 a 1988, leva-nos a pensar como eram as relações de trabalho dos homens e mulheres que foram como óleo nas engrenagens de produção. E pensando nessas relações e que daremos vez a esses que também são protagonistas da história da Vila do Palheta.

Nesse caso, usaremos a história como dos estudos sobre a sociedade, pois nos possibilita repensar a representatividade a partir de um caso especifico, controlando as singularidades do que se pode saber da cultura compartilhada ou da organização social (CHATIER, 1999). E com isso a história singular de cada trabalhador, formam as memórias sociais vividas nesses 39 anos (período entre 1949 a 1988) de produções na ilha.

As narrativas sobre os anos de ebulição são de suma importância para se pensar e entender como aconteciam os dias dos trabalhadores e modo de vida dos mesmo, dessa forma, Halbwachs nos diz que a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, e esse ponto vista tende a variar de acordo com o lugar social que o indivíduo ocupa, e o lugar, tende a mudar em função das relações dos meios sociais (HALBWACHS, 1990).

Assim, dando ênfase nas relações de trabalho que ocorreram na ilha, nas transformações do modo de vida dos trabalhadores e na fixação dos mesmos na terra, analogamente percebe-se a trajetória de vida das famílias que ali passaram. Portanto, usaremos a memória coletiva como ferramenta de

[4]Entrevista realizada no dia 18 de junho de 2018

emancipação e formação de saberes. “Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (GOFF, 2003).

Sabemos que nos tempos coloniais a economia era regida por Portugal e seu avanço estava ligado ao capitalismo mercantil, no entanto, eram desenvolvidas outras atividades de persistência e exportação. Logo, visando o crescimento mercantil e o enriquecimento daqueles que se diziam donos da terra, os colonizadores, viam como inviável e sem valor a cultura de subsistência. O quadro da economia escravista constituído pela predominância de uma monocultura que solapava a cultura de subsistência, trazendo como consequência a escassez de alimento e a extrema miséria do trabalhador escravizado (BRASIL, 2006).

Porém, muito além dos olhos críticos do colonizador, os roçados foram uma prática desenvolvida e disseminada de modo restrito por um longo período. Além, dos escravos nos interiores das fazendas, havia outras categorias que também tinham os roçados como subsistência, como por exemplo, indígenas e pessoas livres pobres, porém essas atividades eram feitas em escalas menores comparando os plantios de monocultura que eram incentivados na época.

Para Vera Ferline (1994):

> A produção de alimentos para a subsistência dependia de lavradores de roças, que plantavam para seu consumo e abasteciam os mercados locais com os excedentes. A cana, porém, ocupava as melhores terras e atraia a todos e a colônia sofria frequentemente a falta de alimentos e preços altos (FERLINE, 1994, p. 27).

O olhar dos proprietários latifundiários e dos feitores era cruel e desumano, tal fato motivou os escravizados a resistir e ir em busca de sua liberdade cerca a fora. Foi na tentativa de proteger seus corpos físicos e sua cultura que os escravizados fugiram e formaram espaços que posteriormente foram denominados de Quilombos. “A palavra ‘quilombo’ teria o destino de ser usada com várias acepções, a mais famosa delas e de habitação de escravos fugidos, em Angola, e a desses refúgios e dos estados que deles surgiram no Brasil” (SILVA, 1992).

Nos dias atuais o trabalho é considerado trabalho toda execução de tarefa que exija esforço mental ou físico, o mesmo pode ser remunerado ou não. Percebe-se que as obrigações nós campus estão cada dia se modificando e o trabalho braçal está perdendo espaço par as máquinas e para o trabalhador especializado. Entre os anos 1949 a 1988 na ilha do Palheta os trabalhadores trazem na memória um período de fartura de trabalho, porém de um trabalho cansativo e desgastante.

As terras são lembradas por serem repletas de plantações e cheias de homens e mulheres fazendo seu cultivo. As relações de trabalho nesse período aconteciam da seguinte forma, as maquinas eram

comandadas por homens, o cultivo e plantação da cana eram feitos na grande maioria por mulheres, e os encaixotamentos da cachaça também era feito por mulheres, é notório nas lembranças dos atuais moradores, que os mesmos ajudavam no encaixotamento e no embarque desses produtos, ou seja, eles também ajudaram no mover do engenho. Nesse sentido, ao conversar com os moradores que trabalharam no Palheta percebe-se que foram dias árduos e que o trabalho na ilha era a única alternativa de vida que possuíam. Os moradores que tive o privilégio de ouvir, na maioria cresceram na ilha, eles foram uma geração de filhos daqueles que vieram de outras regiões para trabalhar na ilha, logo, por esse fato as narrativas quase que se igualam quando a pergunta é referente a trajetória de fixação na terra.

Temos os indícios de que mão de obra escrava a ilha obteve e que com o passar dos anos a produção na ilha não sessou, assim, o questionamento é de como ficou as relações de trabalho no período pós abolição, para onde foram os ex escravos do Palheta? No momento em que as entrevistas estavam sendo feitas e as perguntas estavam ligadas em como esses moradores ocuparam a terra, as respostas eram de que a casa foi herdada dos pais e os indagando sobre a origem dos pais, percebemos que eles geralmente eram de regiões próximas e que foram para a ilha a trabalho.

Sendo assim, levando em consideração essas narrativas, os atuais moradores não seriam descendentes desses ex-escravos, porém, uma série de dúvidas surgem, e uma delas e para onde foram esses ex-escravos?

Tendo em vista que a Lei Áurea não pensou na integração do ex-escravo em sociedade e nem deu margens para que eles se estruturasse, os mesmos passaram de escravos para livres e foram inseridos em um sistema que por eles era desconhecido e não os beneficiava, logo, saíram da classe de escravos para desempregados, pois agora seus antigos donos já não continham o dever de dar subsistência.

Nesse contexto, a maioria dos ex-escravos iniciaram sua jornada de libertos nas margens da sociedade, ou seja, mais uma o direito a vida digna foi negado. Por esse fato, a alternativa que muitos encontraram foi a cultura de subsistência, muitos deles já praticavam enquanto eram posses, mas dessa vez o tempo não era o primeiro impedimento para que tal ato fosse praticado, sendo agora um lugar para se plantar, pois não tinham mais o direito a terras.

Assim se iniciou conflitos que se perpetuam até hoje, e o direito a terras passou a ser uma reivindicação daqueles que estavam sendo excluídos do social. Da mesma forma a Lei de terras de 1850 proibia a entrega gratuita de terras, assim impedia a ampliação da classe camponesa e assim, os pequenos proprietários de terras vendessem a preços baixos suas terras a grandes proprietários.

Como já mencionado, além do engenho que continuou funcionando no período em que a família

Figueiredo assumiu as posses da ilha, a família também possuía uma loja, que funcionava na parte de baixo do casarão. A loja era como o mercado dos moradores da ilha, lá possuía artigos de gênero alimentício e de higiene pessoal, e a mesma segundo os moradores funcionava através da troca de fichas.

Diz o senhor Pedro Martins sobre a forma de pagamento no antigo engenho[5]:

> [...] Uma semana de trabalho o que vale a uma ficha para trocar na loja que existia embaixo do casarão. Se a gente quisesse ir pra outro lugar essa ficha não valia, só valia aqui. A roupa era só quando a gente tinha um saldo, aí a gente falava pra dona e a dona trazia pra gente, não queria que a gente fosse em Belém, pra não saber onde fica Belém. Uma vez eu perguntei pra dona ai, que eu queria ir lá em Belém comprar roupa, mas ela não deixou eu ir, pra mim não aprender andar lá em Belém e ficar o tempo todo aqui, você sabe a gente nunca sabia o que era festa em Muaná.

O início do período de 1949 a 1988, as produções que eram feitas na ilha eram destinadas a Belém e uma outra pequena parte era para consumo e venda daqueles que moravam na ilha. No desenrolar dos anos a família Figueiredo iniciou a fabricação de sabão, mas segundo os moradores, o sabão não foi um produto que deu lucros.

A família Teixeira, deixou de produzir a cachaça e passou a vender somente o açúcar e com o passar dos tempos alargou seu comercio para a extração da madeira, cacau e fabricação de gelo. As origens da família Teixeira são da cidade de Abaetetuba, e os mesmo possuem em Abaetetuba uma fábrica de gelo, a mesma no município de Abaetetuba funciona ate os dias atuais, contudo, já na ilha não obteve sucesso. Por fim, como a ilha possui uma extensão em área contendo arvores de grandes portes, a extração da madeira passou a ser o produto que mais dava lucros aos donos da propriedade.

Por conseguinte, a loja continuou a funcionar enquanto a família Teixeira era dona da ilha, porém, dessa vez os produtos eram vendidos com o uso da moeda real. Segundo a professora Rita, a loja continuou sendo o único meio mais fácil de se conseguir produtos industrializados, mas com o passar dos tempos a produção na ilha foi caindo e os trabalhadores tiveram que procurar outros meios para sobreviver.

Os que vieram a trabalho no período em que a família Figueiredo residiu na ilha, segundo a memória dos atuais moradores, trouxeram suas famílias para morar na ilha pelo fato da mesma ser longe e de difícil acesso para ir e vim, então, os mesmos trouxeram suas famílias e com a permissão dos donos montaram residência nas terras. “Essa casa aqui era só um barracão, que construiu foi

[5]Entrevista realizada no dia 18 de junho de 2018

meu pai quando veio trabalhar aqui. Eles trabalhavam aqui e como não tinham lugar 'pra' ficar eles montavam esses barracões, aí ele foi buscar a família e aqui a gente começou a morar" diz a Professora Maria Rita[6]

Com o passar dos tempos e com o cair do ritmo das produções na ilha, alguns trabalhadores saíram, mas a ilha já era bem conhecida nas regiões que as rodeia, e segundo a senhora Raimunda Amaral, a esposa do senhor José Ferreira, trouxe professores para educar os filhos dos trabalhadores, assim se iniciou a trajetória escolar na Vila.

Diz a dona Maria Novaes e Maria Rita, respectivamente[7]

> [...] Quando eu vim morar aqui, essa casa era um barracão de um dos trabalhadores que foi embora da ilha. Aí acontecia assim, quando alguém saia e tinha uma outra família precisando de casa, a família começava a morar e assim a gente foi ficando até hoje.
> [...] Quando viemos pra cá era só um barracão, outra família que vivia aqui, então meu pai foi ajeitou pra gente morar.

Percebe-se com as memórias de Maria Novais e Maria Rita, sobre o processo de ocupação da Vila, que há pontos singulares na narrativas de como se dava a ocupação dos espaços no território, assim como diz Pollak (1992), os diferentes elementos da memória, bem como os elementos de projeção e transferência que podem ocorrer dentro da organização da memória individual ou coletiva, pois os indivíduos possuem em primeira instância catecterísticas próximas do fenômeno da memória, visto que a memória é seletiva e nem tudo fica gravado e registrado.

Sendo assim, ainda em consideração sobre o que Pollak diz sobre a organização da memória individual ou coletiva, podemos refletir sobre o momento pós abolição na ilha. Tendo em vista que as memórias que os moradores possuem da ilha foram lhes repassado ou até mesmo construído, a hipótese seria que os moradores que ali passaram negam a ancestralidade negra ou tentam sufocar essa descendência, de tal forma, considerando os aspectos de dificuldade acesso da ilha com outras regiões, os ex escravos não teriam condições financeiras para sobreviver em outro lugar, nesse caso o natural seria que os ex escravos permanecem no local, porém agora estariam envolvidos nas relações de trabalho que existiram na ilha e continuariam a residir na terra.

Assim, as produções na ilha entre os anos 1949 a 1988 tiveram suas variações de produtos, mas percebesse que o açúcar e a cachaça foram os mais produzidos e os que mais renderam lucros aos donos. Foram as relações de trabalho que proporcionou a ocupação das terras, ou seja, a fixação na terra foi um meio de estar mais próximo do trabalho e uma garantia dos donos que o trabalho

[6]Entrevista realizada no dia 08 de março de 2019
[7]Entrevista realizada no dia 08 de março de 2019

aconteceria, e com as famílias nas terras o trabalho só tinha a render. “Eu mesmo trabalhei nesse Palheta desde novo, eu limpava garrafa, ajudava no que precisava e quando teve a serraria eu já tinha passado por quase tudo aí”, diz o senhor Benedito Oliveira[8].

[8]Entrevista realizada no dia 18 de junho de 2018

3 Vila do Palheta em seu Contexto Atual

O capítulo em questão trata da situação da ilha na atualidade, o mesmo inicia com a trajetória de compra e produção da ilha. Em seguida é levantado uma reflexão de quem seriam os verdadeiros donos da terra, assim poderemos entender melhor as relações territoriais que os moradores e proprietários possuem com o território, e além, cabe uma analise sobre a tentativa de se estudar a história local da região, levando em consideração o objetivo de não deixar que a história do passado da ilha não se perca.

3.1 Atual Proprietário da Vila

Em 1988, não se sabe ao certo o motivo, o território foi vendido ao senhor José Otávio Cabral Viegas, mas segundo os segundo alguns moradores a venda da ilha foi realizada por motivos referente a situação de queda de produção, assim, o novo proprietário decidiu dar uma nova perspectiva aos produtos que saiam da ilha. Nesse período a produção diferenciou-se dos demais períodos, assim, o Senhor Viegas direcionou a produção para a extração de palmito, confecções de caixotes e a extração de madeira tornou-se mais intensa, e a ilha também ganha novos moradores, os gados, que tomam o espaço e circulam livremente. José Otávio faleceu e quem ficou como responsável foi seu irmão José Raimundo Cabral Viegas, que tempos depois também veio a falecer, e atualmente quem responde como proprietário é o senhor Tadeu Cabral Viegas, irmão dos últimos responsáveis pela ilha.

Atualmente, moram na ilha cerca de 30 famílias no perímetro próximo ao casarão, como mostra a Figura 1.1(b), e as demais moram ao arredor da ilha. O processo de chegada dessas famílias esta relacionada a necessidade de ter pessoas para mover o processo de produção da ilha. Dessa forma, os trabalhadores chegaram para ocupar os cargos nas produções e ocuparam também o território, pelo fato de que a ilha é de difícil acesso, logo o ir e vim no final da jornada de trabalho seria incapaz.

Bem como o ir e vim era algo inviável após a jornada de trabalho diário, os trabalhadores pediram permissão aos proprietários e trouxeram suas famílias para residir na localidade. Desse modo, inicia-

se o processo de ocupação da ilha. Vale ressaltar como hipótese, que ex-escravos também ocupavam a ilha e trabalhavam agora de maneira assalariada, logo continuaram residindo e constituíram família no local, mas tal hipótese ainda não fora comprovada até o momento.

Ademais, agora as casas dos trabalhadores passaram de improvisações de moradias para lares, assim, em um relacionamento de compadridade[1] as famílias ocupam a terra e possuem liberdade para criar e plantar, desde que não deflorem o ambiente que ainda está em situação virgem.

O atual dono reside em Belém e possui no momento poucas cabeça de gados na região e a extração de madeira quase não acontece. Como intermediaria e caseira a senhora Maria foi elencada para esse papel, pois serviu como cozinheira por um bom período para os Viegas, e assim construiu vínculos afetivos com os donos.

Atualmente também a Vila possui além do casarão, uma escola, um barracão, uma igreja de matriz católica e um posto de saúde. A igreja e o barracão foram construídos com financiamento dos moradores, a escola originalmente teve apoio da Família Teixeira, mas o incentivo de iniciar as obras veio dos moradores, e depois também com financiamento da prefeitura de Muaná, assim da mesma forma, o posto também foi financiado pela prefeitura.

3.2 Os verdadeiros proprietários da terra

Levando em consideração os métodos que Marc Bloch (2001) utiliza na usa obra "A apologia da História o ofício do historiador", a ligação entre o passado e presente se tornou essencial para essa pesquisa. Em princípio, foi observando o cotidiano dos moradores da Vila do Palheta que os questionamentos sobre o passado da ilha vieram à tona, dessa maneira, a necessidade de entender como se deu o processo de ocupação da Vila foi de suma importância para a compreensão das configurações do presente.

Para melhor entendimento do processo é preciso além de estudar a história das famílias que passaram pela ilha, estudar também a história daqueles que ajudaram a mover os sistemas de produções. Logo, levando em consideração que aqueles que estavam em condições inferiores de trabalho não possuíam registros documentais, alguns historiadores por muito tempo ignoravam esses indivíduos, mas surgiram uma nova vertente de historiadores que se propuseram a fazer uma historiografia em que seja possível dar vez e voz a esse excluídos da história.

[1]Relação de Padrinho dos donos da ilha aos moradores

Por muito tempo os historiadores continham-se apenas em narrar fatos de grandes homens (pessoas consideradas importantes) e ignoravam as outras estruturas, agrupamentos humanos ou indivíduos que tinham papéis considerados irrelevantes, mas estudando somente essa classe ditada como superior, acabava impedindo que a história fosse estudada no seu mínimo de profundidade, pois os seres humanos em seu todo são complexos em sua forma de pensar, sentir e agir, e narrar fatos era só um pequeno reflexo próximo de algo mais abrangente e maior.

Assim surgiu a Escola dos Annales, com o objetivo de deixar de lado a história que apenas narra fatos e dos grandes homens. A Escola se propunha em questionar e ir além mais do que os acontecimentos estavam dizendo por si só. Foi então que camadas subalternas, suas culturas, seus anseios e suas particularidades puderam ser estudadas e compreendidas.

As histórias contadas sobre a ilha do Palheta sempre tem como foco a trajetória das famílias que por lá passaram, mas observando a configuração presente da ilha pode-se perceber que a história da ilha vai além da trajetória das famílias, dessa forma, assim como Marc Bloch (2001) utiliza do método de questionar as fontes, questionar a situação da ilha no presente foi o grande ponto de partida para se entender o processo como um todo.

A ilha é uma verdadeira fonte histórica, pois podemos perceber vestígios do passado em seu espaço como um todo. As ruinas do maquinário do engenho e o casarão são de saltar aos olhos, mas indo além percebemos que todas aquelas famílias e seu relacionamento com a terra e com passado da ilha também são fontes e é através das memórias dos mesmos que o passado responderia questões em aberto do presente. Como diz Philippe Dubois (1993), “Um indicio, um fantasma, talvez uma ilusão que, em certo momento da história, deixou sua marca registrada, uma superfície sensível, da mesma forma que as marcas do sol no corpo no corpo bronzeado".

Na atual situação da ilha, os moradores moram de forma cedida pelo proprietário legal da terra, porém essa situação vem acontecendo por muitos anos. A priori, como ocupavam as terras para ficarem próximos de seu trabalho e atualmente porque possuem vínculo de afeto com a mesma, dessa forma, a Vila do Palheta passou de lugar de trabalho para lar, e essa situação legalmente é desvantagem para os atuais moradores, já que a terra ainda é privada.

Uma serie de questões e conflitos surgem a partir desse debate. Os moradores veem o lugar como seu lar, mas é notório nas falas que os donos são outras pessoas, dessa forma, veem apenas por direito os bens pessoais que possuem.

Diz a professora Rita[2] sobre sua relação com a terra:

[2]Entrevista realizada no dia 08 de março de 2019.

> [...] Isso aqui é tudo da firma né deles, porque era assim né, as casas aqui eram construídas todas pelo dono, o dono que mandava construir as casas né, ai cada morador tinha sua casa, mas construída pela própria firma né, as casas foram se deteriorando e ai as pessoas começaram a construir por conta própria, no caso essa nossa aqui, foi construída em 2015, a que a gente morava já tava pra cair, ai agora se a gente sair, a gente não tem essa intenção né, mas ai a gente ia ter que pensar e ia ver o que fazia por que pra gente deixar né mana assim né, a gente gastou tanto dinheiro nela, ai as outras pessoas a mesma coisa, cada uma tá reconstruindo a sua.

Além de não se sentir dono da terra, outro conflito vem se arrastando na ilha. Uma nova geração está constituindo família, por esse fato essa nova geração quer construir novas casas, e isso ocasionaria em ocupar mais espaço e derrubar mais arvores, porém os donos atuais não querem que os mesmo aconteça, sendo assim a única alternativa encontrada pelos moradores é de dividir os compartimentos das casas para que cada família tenha sua privacidade.

Outro conflito corriqueiro e quanto a exploração da terra, os moradores podem plantar, caçar, desde que mantenham o controle e manutenção do espaço, todavia, atualmente as reclamações dos atuais donos é que o lugar está sendo explorado visando apenas o presente. Alguns moradores afirmam que várias espécies de animais que anteriormente eram encontrados nas matas, hoje em dia desapareceram.

Assim, levando em conta os conflitos atuais na ilha, percebemos que muitos deles esbarram em questões ligados a terra. Dessa maneira, vale destacar que é importante compreender como se dão as dinâmicas territoriais e suas configurações, pois a terra para os atuais moradores vai muito além do que simples espaço onde moram.

Em resumo, o geografo Haesbaert elenca três leituras acerca do território na geografia, são elas: a leitura política de território, que desrespeito a relação espaço-poder, a leitura econômica, que veem o território como recurso econômico e a leitura ligada a perspectiva cultural ou simbólica cultural, no que se refere a um grupo que usa o espaço como apropriação simbólica. Sendo assim, visando o debate sobre território, a geografia perde em parte o foco central e adentra em outras áreas de estudo como a antropologia, a sociologia e a história (HAESBAERT, 2004).

Levando em consideração o contexto da ilha do Palheta, as relações existentes com a terra vai além de títulos de poder, assim embora o espaço esteja juridicamente no poder da família proprietária no atual momento, outro grupo pode ter acesso e ser proprietária da terra, nesse caso, Marcelo Lopes de Souza afirma que grupos sociais podem exercer o direito a terra desde de que tenha laços afetivos (SOUZA, 2013).

Nesse caso, como foi transcrito na pesquisa, a relação que os moradores construíram com o

território perpassa os limites físicos e se insere em outras dinâmicas. Pode-se dizer que os moradores compreendem que o território é o seu lugar de expressão e até mesmo de resistência contra os múltiplos conflitos que existem ou podem existir referente a terra. Nesse caso, Milton Santos e Maria Laura Silveira, compreendem o território como uma construção social, ou seja, o espaço pode ser usado de diversas formas pela sociedade, levando em conta sua organização e seu contexto histórico (SANTOS e SILVEIRA, 2006).

Os atuais moradores da ilha do Palheta de certa forma desconhecem na integra o processo de ocupação da ilha, porém o espaço se tornou primordial para a construção de seu entendimento quanto agente em social. Segundo Pietrafesa de Godoi, podemos compreender os múltiplos fenômenos que rondam a vivencia dos moradores campinais, dessa maneira podemos usar termos como processo social e produção de espaço de vida (GODOI, 2014). Considerando a trajetória de vida dos moradores da ilha, os mesmos veem o espaço como espaço de vida, pois é desse espaço que provem o modo de subsistência dos moradores, tanto em fonte alimentação quanto em cultura.

Contudo, levando em consideração o processo de organização dos que residem na ilha, a ideia de pertencimento de território vai além de direitos jurídicos. Sendo assim, a territorialidade perpassa por padrões de comportamento de um grupo de pessoas sobre uma localidade, nesse caso os residentes da ilha do Palheta personalizam e defendem o território.

3.3 Um olhar micro sobre a Vila do Palheta

> A escrita da história local costura ambientes intelectuais, ações políticas, processos econômicos que envolvem comunidades regionais, nacionais e globais. Sendo assim, o exercício historiográfico incide na descrição dos mecanismos de apropriação – adaptação, resposta e criação – às normas que ultrapassam as comunidades locais (REZNIK, 2002).

A nova história cultural traz para os historiadores novas visões de trabalho e tem a capacidade de interpretar novos agentes históricos, dessa forma, um olhar micro sobre um determinado local tornou-se possível. A preocupação com a sociedade em geral e reconstrução de fatos em paralelos aos fatos considerados importantes, foram os motivos que despertaram aos historiadores que adotaram a nova história cultural como linha de pesquisa.

Em geral, a preocupação na maioria dos historiadores era narrar o cotidiano de grandes príncipes e generais, sendo este, dar ênfase nos grandes feitos dos mesmos, mas com essa nova vertente classes subalternas tiveram direito a voz, assim, essas classes puderam ser explicadas e compreendidas.

Sabemos que as memórias são seletivas (HALBWACHS, 1990), logo ao indagar sobre o histórico de ocupação da Vila Palheta, as memórias que veem em foco dão ênfase às famílias que tinham posso das terras, porém, em paralelo há também histórias de famílias que trabalharam no local e contribuíram para a formação do que conhecemos do local atualmente. Junto a nova história cultural, podemos conhecer um conjunto de manifestações que formam a ilha do Palheta.

Além da possibilidade de conhecer esse conjunto de manifestações, a nova história cultural aproxima as histórias dos grandes homens com a história de camadas anônimas. Dessa forma, é possível compreender a história dos trabalhadores da ilha através das histórias das famílias proprietárias, pois as memórias que se referem ao modo de viver dos antigos moradores da ilha está associada a quem era prprietário da ilha, assim, podemos ativar essas memórias através das lembramças que os moradores possuem de cada família que foi proprietária. Carlo Ginzburg exprime bem em sua obra "O queijo e os vermes" adotando como "o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas em um certo período histórico" (GINZBURG, 1986) daqueles que eram marginalizados e desfoque do conceitos dos grandes homens.

Da mesma forma, a micro-história ganha espaço como metodologia para uma melhor compreensão da nova história cultural. Um olhar mais micro para o processo de ocupação da história do Palheta, fara que entendamos não só como se da a organização da ilha no presente, mas nos possibilitará entender como eram as relações da Vila com todo o contexto que ela estava inserida, ou seja, vamos entender também parte das histórias das regiões vizinhas.

Para Roger Chartier (1999), compreende que a micro-história é reveladora a cerca dos estudos sobre a sociedade, pois nos possibilita entender e pensar a representatividade a partir de um caso em especifico, assim levando em conta a especificidade se pode saber da cultura e da organização social (CHATIER, 1999).

Assim, estudar a história da região não é negar os assuntos globais, pelo contrário é estudar esses assuntos globais, mas não esquecendo dos detalhes que explicariam a história da região, logo a identidade cultural empatia seria mais forte, ou seja, a realidade dos fatos ficaria mais próximo dos agentes envolvidos na história.

Por esse fato é de suma importância os moradores da ilha do Palheta saberem mais sobre a história de como a mesma foi ocupada. Esse entendimento sobre a história do local propiciaria a localidade entender em meio a um total as suas singularidades, logo o passado da ilha iria ser reconhecido e passado a diante.

Podemos perceber a importância de se conhecer mais sobre a história da ilha na fala do senhor

Cláudio Smith, o atual vice-diretor da escola Claudio Figueiredo, que funciona na ilha, ele diz[3]:

> A gente não sabe ao certo qual a verdadeira versão, então o quê que a gente faz, a gente pega aquelas versões que contam a história como história daqui da vila, no desfile escolar, a gente vai pegando aquelas histórias que mais a gente acredita que chega mais perto, entendeu? Aí vamos pegando os relatos orais dos moradores mais antigos, daquilo que eles contam e é isso que a gente vai montando, mas só que ela se diverge em várias versões, não tem essa versão documentada de verdade, então esse que é o grande problema.

Na fala do vice-diretor da escola Claudio Figueiredo percebemos que a escola tem o interesse em passar o conhecimento sobre a ilha, mas pelo fato das diversas narrativas e poucas fontes, a escola acaba por não atribuir ao currículo estudos sobre a história da ilha. Para tentar amenizar essa falha sobre ao certo as origens da ilha, eles focam na história de fundação da escola, que por sinal está atrelada a história da ilha.

Como já foi mencionado a transição de venda da ilha da família Figueiredo para a família Teixeira aconteceu por motivos sentimentais. Dn Raimunda Amaral conta "Numa viagem pra Belém, o Claudio Figueiredo, que era filho do patrão morreu, o pessoal diz que ele foi tirar a camisa na baia e o vento tava muito forte, aí ele não aguentou e caiu, aí era muita maresia ele assentou[4] logo"[5].

Vale ressaltar que a filha do senhor José Figueiredo foi quem iniciou a educação escolar na ilha, após a mudança da família Figueiredo da ilha, os moradores investiram para que a escola tivesse um prédio e da mesma forma decidiram que nome seria Claudio figueiredo.

Segundo Cláudio Smith[6]:

> [...] Bom, o nosso PPP ainda esta em construção e ainda não foi concluído, mas como é que a gente trabalha todos esses anos, a gente foca mais no aniversario da escola, a gente procura deixar claro pra eles sobre a fundação, a escola foi fundada em 1958, por uma filha do seu Figueiredo pra atender a necessidade dos filhos dos empregados que trabalhavam na época aqui que era a firma, então para atender esses filhos, essa senhora começou os trabalhos aqui e a partir daí foi aumentando a demanda, ate que chegou o que é a escola hoje.

Com o passar dos anos em um desfile que acontece anualmente em alusão ao aniversário de Muaná, a irmã do Claudio Figueiredo estava a passeio na cidade e ao observar o desfile ficou sabendo da escola e que seu nome era em homenagem ao seu irmão, então a mesma doou a escola uma foto do senhor Claudio Figueiredo como mesma a Figura 3.1, e a mesma fica na parede da secretaria da escola.

[3]Entrevista realizada no dia 25 de junho de 2019.
[4]Assentou é uma expressão usada como o objetivo de dizer que afundou.
[5]Entrevista realizada no dia 25 de junho de 2019.
[6]Entrevista realizada no dia 25 de junho de 2019.

Figura 3.1 – Foto de Claudio Figueiredo.

Fonte: Autoria própria

Dessa forma então um estudo mais micro sobre a história do Palheta é de suma importância pois ajudaria da compreensão dos mesmos sobre o espaço, ajudaria a escola local a integrar a história da ilha no currículo, a história da ilha não se perderia com o passar dos anos e todas essas contribuições ajudaria para a história regional do país.

Considerações Finais

"Para mim, a História é a soma de todas as histórias possíveis, uma coleção de mistérios e de pontos de vistas, de ontem, de hoje e de amanhã. O único erro sereia escolher uma dessas histórias com exclusão das outras".

Fernand Braudel

Em suma, levando em consideração os capítulos discorridos na pesquisa em questão, a história de ocupação da ilha do Palheta, localizada no município de Muaná possui diferentes versões a cerca das ordem dos fatos, porem é notório encontrar pontos singulares nas diferentes narrativas. Como Fernand Braudel diz, a história possui diferentes pontos de vista e escolher uma excluindo outras seria um erro, assim coube a essa pesquisa a junção de oratórias com outras fontes para que pudéssemos ter a construção do histórico de ocupação da ilha ou até mesmo um novo olhar sobre a mesma.

Segundo os moradores mais antigos José Francisco Melo Palheta obteve as posses da ilha por meio de seismarias, porém essa documentação até o momento não fora encontrada, o mesmo vendeu a propriedade para o senhor Manoel Cardoso Amanajas, o qual foi uma figura importante para a cidade de Muaná, servindo como gestor muanense, dessa forma, segundo fontes encontradas no livro do José Maria de Lima, tivemos como conhecimento que foi enquanto o senhor Amanajas tinha como posse a ilha que iniciou as produções no engenho, dessa forma, podemos perceber que desde os tempos coloniais, as transições e relações de trabalho em ocorrendo na ilha.

Como é desconhecido datas e nomes dos primeiros proprietários por moradores mais recentes da ilha, os mesmos excluíam ou duvidavam das narrativas de possíveis escravos habitando a ilha, porém, através da olha do Vicente Salles, o mesmo usa como fontes recortes de jornais e entre eles, há um recorte que anuncia escravos fugidos da fazenda Palheta, e tal anuncio é feito pelo senhor Manoel Cardoso Amanajas, logo podemos ter a confirmação de que o mesmo fora proprietário da ilha e possuía como mão de obra a força escrava.

Em continuidade, temos como terceiro dono da ilha os irmãos Tocantins e Maués, lembrados pelos moradores mais antigos como rígidos e fora um período autoritário vivido na ilha. Os irmão Tocantins e Maués junto com o senhor Emílio Maués foram os responsáveis pela construção do casarão que permanece ate os dias de hoje. Pelo fato dos moradores desconhecerem o período histórico das

narrativas que lhes foram passadas por pais ou parentes próximos, é desconhecida o período histórico e como eram as relações de trabalho no período em que os irmãos foram proprietários.

Em 1949, já no período da republica, inicia a trajetória da Família Figueiredo como dos da ilha do Palheta. De acordo com as memorias dos moradores fora um período de grandes produções e prosperidade na ilha, sendo assim, fora o período em que houve um grande numero de trabalhadores no local. São esses trabalhadores já aposentados e filhos desses trabalhadores que compõem os atuais moradores da ilha.

Apos a família figueiredo, temos como proprietária a família Teixeira, nesse momento as produções também estavam em efervescência, mas houve a venda pelo fato do filho do José Figueiredo ter morrido em um acidente de embarcação, assim as produções e o desenvolver da ilha foram acontecendo. Tivemos nesse período como marco importante a construção da escola Claudio Figueiredo, que se iniciou para atender aos filhos dos trabalhadores e que hoje atente a ilha e regiões próximas.

Na atualidade a ilha possui como proprietário a família Viegas, os mesmos no período inicial da compra mudaram as perspectiva dos produtos que eram produzidos na ilha, na tentativa de alavancar as produções pois estavam passando por crise, porém as produções foram caindo e cada trabalhador passou a ser provedor do seu próprio sustento.

Assim, a terra passou de lugar de trabalho para moradia, e nos dias atuais essa discussão e o que ronda a vivencia dos atuais moradores, pois a ilha apesar de ter trocado de proprietários no passar dos anos, teve em continuo os trabalhares quase que em sua totalidade, e a fixação na terra foi permitida pelos donos em compadridade.

Contudo, as relações e eventos ocorridos na ilha do Palheta são ricos em história cultural, a pesquisa tentou questionar fatos presentes que tem resposta no passado. Percebe-se que inúmeras lacunas ainda estão em aberto, e cabe aos historiadores continuar questionando as fontes em busca de respostas desse passado ainda turvo de compreensão. Dessa maneira, esta pesquisa registrou de forma cronológica os proprietários da Vila, desde os tempos coloniais aos dias de hoje, e assim, fora registrado as memórias de como ocorreu a ocupação do território, como eram as organizações de trabalho, e esse conjunto possibilitará aos moradores entender melhor sua identificação cultural, logo haverá a valorização da mesma.

Referências Bibliográficas

[1] BÂ, H. **Tradição Viva:** História geral da África. Brasília: Unesco, 2010.

[2] BLOCH, M. **Apologia da historia ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

[3] BRASIL, C. Município de Muaná. Cidade Brasil, 2019. Disponivel em: `https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-muana.html`. Acesso em: 08 maio 2019.

[4] BRASIL, M. D. C. Formação do campesinato negro no Brasil: reflexão categorial sobre os fenômenos "quilombola", e "comunidade negra rural". **ANPUH**, Dourados, 2006. ISSN 857598107-2.

[5] CHATIER, R. **Pós História**. São Paulo: Assis, v. 7, 1999.

[6] DELGADO, L. D. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **HISTÓRIA ORAL**, Minas Gerais, v. VI, p. 9-25, 2003.

[7] DUBOIS, P. **O ato fotografico**. Campinas: Pairus, 1993.

[8] ESCOLA, B. Brasil Escola. **UOL**, 2019. Disponivel em: `https://brasilescola.uol.com.br/biografia/francisco-melo-palheta.htm`. Acesso em: 08 maio 2019.

[9] DUBOIS, FILHO, M. L. Nova história cultural e micro-história: uma breve reflexão de suas origens. **Museu**, 2005.

[10] GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

[11] GODOI, E. P. D. Territorialidade. In: SANSONE, L.; FURTADO, C. A. **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: [s.n.], 2014. p. 443-452.

[12] GOFF, L. **História e Memória**. 5º. ed. Campinas: São Paulo: Unicamp, 2003.

[13] HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

[14] IBGE. Cidades. **IBGE**, 2017. Disponivel em: `https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/muana/panorama`. Acesso em: 09 maio 2019.

[15] JENNINGS, J. **Globalizations and the Ancient World**. Cambridge University Press. 2010. p. 132

[16] LIMA, J. M. D. **Muaná uma breve história**. Muaná: Gráfica Trindade, 2000.

[17] POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1992.

[18] REZNIK, L. Qual o lugar da História local? **História Local**, 2002.

[19] SALLES, V. **O negro no Pará sob o regime da escravidão**. 3ª. ed. Belém: programa raizes, 2005.

[20] SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. A questão: o uso do território do livro O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. In: SILVEIRA, M. L.; SANTOS, M. **O Brasil**. 9º. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

[21] SILVA, A. D. C. E. **A Enchada e a Lança:** a África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1992.

[22] SILVA, A. R. Fenômeno quilombola: a constituição de identidade cultural negra. **Rascunhos Culturais** , Mato Grosso do Sul, 2010.

[23] SILVEIRA, É. D. S. História oral e Memória: pensando num perfil de historiador etnográfico. **Métis: história cultura**, Bauru - São Paulo, 2007.

[24] ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexão com base na experiência prática de pesquisa. **Perspectivas qualitativas em sociologia da educação**, Rio de Janeiro, 2003.